

O SILÊNCIO DAQUELES QUE VENCEM AS GUERRAS

MARCO SEVERO

O silêncio daqueles
que vencem as guerras



Sumário

Arqueologia de um sonho (1819-)	11
O pesadelo diz adeus (1854-)	32
A insistência da rosa (1911-)	43
A chama que é farol e arde por dentro (1918-)	58
Depois da perda (1946-)	70
A dúvida essencial para a fé (1953-)	78
A máquina de fazer esperança(1962-)	103
A mulher feliz chora (1971)	118
Biografia do trovão (1980-)	127
A palavra muda (1982-)	142
Nada que falta é pouco (1997)	149
De ti só quero lembrar o que é melhor esquecer (2001-)	156
Os que vieram depois dos que se foram (– 2002)	167
Despertar de sonos intranquilos (2012 –)	179
Uma vida boa é uma vida breve (1951-2014)	208
A volúpia é uma flor que nasce onde a mão não alcança (2021-)	219
As soluções felizes (2027-)	229
Olha para frente mas não esquece da tua sombra (2088–1691–2088)	238
O desfazedor de amanhã (- 2120)	257

*Este livro é para duas pessoas que se foram cedo demais:
Ilma Rodrigues de Castro,
que me contou as primeiras histórias que ouvi e aprendi.
E para Marcos Dodt, professor inesquecível,
que um dia disse que eu contaria histórias e escreveria livros.*

Uma vez sofrida, jamais se esquece a experiência do mal [...] Não nos curaremos nunca desta guerra. É inútil. Jamais seremos gente tranquila, gente que pensa e estuda e modela sua vida em paz. Vejam o que aconteceu com nossas casas. Vejam o que aconteceu com a gente. Nunca vamos ser gente sossegada.

– As pequenas virtudes, de Natalia Ginzburg

Mas pensa, se você é o bicho medonho, você só tem que esperar menininhos nas margens do teu rio e devorá-los, se você é o crisântemo polpudo e amarelo, você só pode esperar ser colhido, se você é o menininho, você tem que ir sempre à procura do crisântemo e correr o risco. De ser devorado.

– Fluxo-floema, de Hilda Hilst

Arqueologia de um sonho (1819-)

Antes de encontrar seu próprio chão e nele se assentar num lugar que ficaria conhecido como Henakandaya, Elias Carcará passou quase um ano e meio perambulando com sua mulher e seus filhos, seu cunhado, a mulher e os filhos deles, procurando o sonho.

Era o décimo nono ano do século XIX, e bem quando acabara de completar 27, Elias decidiu que não iria esperar o desastre acontecer: era hora de se mudar. Havia tido a revelação durante o sono, e na manhã seguinte, mal abriu os olhos já foi direto na intenção de dizer à mulher. Onde estava já não era mais lugar para nada, e ele sabia que para o nada retornaria se não fizesse alguma coisa, e o nada era o pó.

Para além de ser um homem destemido e valente, era também o senhor das decisões. Sabia agora que ter ouvido Irene e insistido em ficar ali não havia sido uma boa ideia, mas a mulher quase morrera depois de colocar no mundo o filho mais novo, que mal chegara a amamentar porque depois do parto ficou cada dia mais fraca, a ponto de não ter condição de criar sozinha nem o caçula nem os sete que tinha para trás. Então, Elias teve que esperar sua recuperação: sem a mulher não arredava daquele lugar. A sorte é que as pessoas do vilarejo se ajudavam e muitas mucamas se revezavam num serviço que, sem elas, seria impossível realizar.

Com a coragem de viver restabelecida, Irene disse para o marido, Decida para onde devemos caminhar que eu

embrulho as trouxas, ajeito os meninos e nós vamos. Ele olhou para ela com a fé realinhada ao seu espírito, Preciso conversar com Herculano e Anunciata, que parecem também querer ir conosco. E como vamos procurar lugar com esse monte de menino, os nossos e os deles?, quis saber Irene. Uma solução haverá de aparecer, respondeu. A gente anda devagar. É aos poucos que a terra se abre e mostra os caminhos. Quando a gente chegar ao lugar, saberei. Soube dele nesse sonho, e consigo vê-lo com clareza na minha cabeça. Irene não podia dizer mais nada. Intuição era solo onde só o marido sabia pisar, embora ela não pudesse negar que quando dizia alguma coisa ele aprumava o ouvido para prestar atenção, e quando acertava, dava o mérito a Elias, que era o que tomava a decisão de desbravar em ação as suas palavras.

Já no dia seguinte Irene perguntou ao marido, Que decidi meu irmão? Eles vão, disse Elias. Os meninos do Herculano já são maiores, podem se cuidar e ajudar. Nós é que precisaremos ter mais cuidado com os nossos, disse ele, ajuntando as palavras. E prosseguiu, Arrume os pertences, eu vou torrar a carne de porco e colocar na banha, fazer torresmo e farofa e distribuir nas latas. Também quero levar torradas as galinhas que a gente puder. As que não der tempo de matar e torrar a gente deixa com os vizinhos mais precisados. Vamos encher as moringas e colocar nos cavalos. É inevitável que a gente sinta muita sede e fome, racionalizou. E quando acabar, Elias? Com esse tanto de menino não é destino de nada durar. Elias foi assertivo, Quando acabar, a gente conta com a bondade dos outros. Eles vão aparecer e vão nos dar de comer. Irene admirava o marido por sua temperança. E também por sua fé, ainda que ele não fosse homem de abrir a boca pra falar de Deus.

E o Amoroso, que há de ser? Ao ouvir seu nome, o cachorro apareceu na soleira da porta, como se brotado do chão. Elias olhou para a mulher e disse apenas, O nosso destino.

Partiram na manhã seguinte. O céu estava limpo, sem nuvens, como se anunciasse clareiras. Só era preciso encontrá-las. Elias caminhava ao lado do cavalo Boyrá e da mulher, que carregava nos braços o filho mais novo. Os outros sete meninos andavam mais ou menos juntos, como se estarem perto uns dos outros de alguma forma os protegesse. Herculano e Anunciata levavam outro cavalo e seus três filhos. Amoroso ia atrás, sentindo dentro de sua natureza de inúmeros antepassados a responsabilidade de zelar por todos.

Achar lugar de ficar é uma peleja para quem pouco entende dos mistérios que tornam a paz uma possibilidade. Assim se passaram os primeiros quatro meses. Um mês antes, um dos filhos de Herculano havia morrido com uma disenteria que só findou quando ele finalmente não abriu mais os olhos. Fizeram o enterro em silêncio, num terreno à beira de uma estrada, e seguiram adiante. Não havia tempo para luto. Tristeza é arma de quem deseja perecer, disse Elias aos demais, enquanto continuava a caminhar para frente. Dos demais, o mesmo silêncio de horas atrás.

Quando a comida acabou e precisaram pedir, pagavam como podiam. Às vezes, realizando serviços em fazendas, que no entanto não tinham como abarcar tanta gente por muito tempo, de modo que pousavam no máximo uma semana e seguiam em busca da terra que buscavam.

Pouco antes de fazer um ano de andança, dois dos filhos de Elias adoeceram quase ao mesmo tempo. Irene desesperou-se, mas sua única reação foi levar para longe dos doentes os outros seis. Se todos adoecessem, a caminhada,

que já demorava mais do que eles desejavam, ficaria estagnada por muito mais tempo até que todos conseguissem continuar. Dessa vez, entretanto, o destino agiu rápido: em dois dias, uma das crianças estava morta e a outra, recuperada. Irene chorou com vergonha, se lembrando das palavras do marido, mas não conseguia evitar. Amoroso ficou velando o menino morto antes que Elias trouxesse o saco e a enxada para o buraco no chão onde depositariam seu corpo, e quando Irene se aproximava, lambia-lhe os calcanhares: sabia do peso que ela carregava e das dores alentadas que sentia. Eram agora treze em busca da terra que Elias viu em seu sonho e que lhe fora ordenado procurar e dela se apossar.

Herculano e Anunciata abandonaram tudo não porque acreditassem tanto no sonho de Elias; o que determinara de verdade fora a carestia de tudo. As terras já não davam mais nada. A cada seis meses era preciso vender mais um pedaço da fazenda. Quando Irene pegou barriga mais uma vez, Elias apareceu ao lado da cerca que os tornava vizinhos e disse para Herculano, Vi no sonho essa noite que tudo o que habita esse lado daí é de ser para sempre estéril. O homem, que naquele momento preparava o terreno para ver se lhes nascia ao menos o de comer levantou a cabeça e disse para o cunhado, Que essas palavras não alcancem os ouvidos das minhas terras, e baixou o olhar novamente para o que fazia. Elias disse, De ouvidos abertos ou fechados, Herculano, o que está seco é o útero.

E ele estava certo. Dali em diante, nada mais prosperava nas terras de Herculano. Não demorou muito, e as suas também começaram a ser afetadas. Parece que o seu sonho informou só metade da verdade, não foi?, provocou

o cunhado. Não. Eu que lhe disse apenas o que lhe interessava. Já é da minha sina andar para fora daqui. Assim que Irene estiver em condições juntarei os meus e partiremos. Se quiser vir, venha também. Não demora e esse lugar será um imenso deserto. Herculano ficou de pensar, até dizer que ia, na noite anterior à partida do cunhado e da irmã. Quando as mulheres entraram em casa, Herculano chamou Elias, e empunhando a lamparina diante do rosto do cunhado até que este pudesse sentir o breve calor da chama tremulante que lhe iluminava o rosto de amarelo, perguntou-lhe num tom de voz acima do cantar dos grilos, Tem mais alguma coisa que lhe foi dita em sonho que me interesse saber antes de partir? Tem. E o que é? Nem todos os que daqui vão partir vão no destino chegar.

As palavras de Elias, proferidas em meio à sua própria estupefação, estavam demonstrando que da quimera muitas vezes incorre-se no risco de nascer a verdade. E muito embora Herculano já tenha saído de suas terras avisado, não pensava em se tornar viúvo, mas foi o que aconteceu.

Haviam parado num vilarejo de agricultores em busca de água e de mantimentos. Arranjaram-lhes uma casa vazia que antes era usada para guardar feno para o gado, mas que com o fim dos pastos não tinha mais ocupação. Disseram-lhes que poderiam passar no máximo trinta dias corridos. Uns senhores de engenho que habitavam a algumas léguas dali se comprometeram a ajudar os moradores do lugarejo, mas precisariam derrubar a casa do feno para dar vazão aos propósitos que tinham para aquelas terras, o que fariam dali a pouco mais de trinta dias. Pressentiam exploração, mas não tinha outro jeito: ou era isso ou morrer de fome. E era do entendimento de muitos que não se nega favor a quem lhes dá o que comer, que era precisamente o

que os tais homens vinham fazendo. Enfiavam-lhes pela goela a possível culpa de uma ingratidão.

Na metade do tempo proposto Anunciata começou a tossir muito e se queixar de dores pelo corpo, febre e náuseas. Herculano averiguou o lugar onde ficava deitada a mulher e constatou que estava infestado de piolhos. Foi até a casa grande. Chamem um médico, minha mulher precisa se tratar. O menino Soares, que era o moleque de recado do vilarejo, montou numa égua obediente e foi procurar por Otávio, o médico que cuidava dos moradores de pelo menos três regiões ao redor daquele lugar. Voltou com a notícia de que o homem havia saído para um atendimento, mas ficou acertado com a sua mulher que ele nem desmontaria do cavalo e iria ver o que estava acontecendo com Anunciata assim que chegasse, provavelmente naquela mesma noite. Otávio chegou com o fim da manhã, examinou o corpo da mulher e sentenciou, É tifo. Ela precisa ser levada para um hospital, e todos os que conviveram com ela precisam ser isolados.

Herculano ficou um instante a sós com a mulher. Por favor, me deixe morrer aqui. Eu não quero ir. Prossigam sem mim, vocês precisam chegar logo ao grande destino. Herculano lembrou-se das palavras do cunhado e saiu de lá dizendo que a mulher se recusava a sair dali. Se ela não for ao hospital, morrerá, disse o médico. Essa não é uma preocupação que ela tenha, replicou o homem. Sendo assim, não há mais o que eu precise fazer aqui, disse Otávio, montando em seu cavalo e indo embora depois de receber seu pagamento.

Naquela mesma noite, Herculano partiu com Elias, Irene e seus filhos. Também naquela noite os moradores tocaram fogo na casa onde se encontrava o corpo sem vida

de Anunciata, e viram a imensa fogueira em que ela se transformou iluminar o céu, como a prenunciar tempos de fartura e alegrias.

Já tinha dado tempo de todos se tornarem um ano mais velhos, e continuavam a caminhar. Elias de vez em quando fazia uso de um cajado, que ele mesmo fizera a partir de madeira que encontrou pelas estradas de terra. Todos se sentiam exaustos, muitas vezes dando mostras de que, se não tivessem levado tanto tempo andando e não estivessem tão longe, teriam desistido. Caminhar naquela aridez de clima e de possibilidades era uma violência contra si mesmos, uma forma de desumanização. Herculano dizia que se passasse mais um mês sem destino, iria bestializar-se. Ninguém entendeu aquilo ao certo, mas Irene rogou aos céus que ele não enlouquecesse. Passou a dormir perto do cajado do marido porque não sabia se precisaria defender os filhos. Amoroso compreendeu o que se passava, e ficava a noite toda de guarda, perto de Herculano, que agora vinha dando para fazer barulhos estranhos durante o sono.

Quando o dia clareou, o cavalo de Herculano havia desaparecido. Acharam-no alguns metros mato adentro, caído, o corpo endurecido. Era como se o bicho tivesse tentado escapar para não morrer onde todos os dias eram trincheiras abertas. Ao vê-lo, Herculano deitou-se sobre seu cadáver e chorou tudo o que represara quando da morte do filho e da esposa. Os demais não se aproximavam, com medo que junto à dor morasse a raiva. Reconheciam no gesto dele a capacidade advinda de um iminente colapso a que estavam todos sujeitos. Elias não disse palavra alguma por muito tempo. Até que resolveu pegar uma das moringas e derramar sobre a cabeça do cunhado. A atitude

o revitalizou, era como se acabasse de sair das águas do Jordão: estava batizado. Todo o mal passara, era o que uma voz parecia lhe dizer, como se visão não fosse mais, unicamente, privilégio de Elias. Levantou e disse a todos, Vamos encontrar essa terra.

E encontraram.

A tarde já se fazia metade quando chegaram a um chão de proporções vastas para onde quer que se olhasse. Tão inabitado que alma nenhuma parecia jamais ter pisado ali. Elias se apoiava no cajado. Olhou lentamente para o rosto de todos os sobreviventes e disse, É aqui. Herculano quis duvidar, Como vamos viver nessa terra seca? Vamos plantar, respondeu Elias Carcará. Nesse barro onde nada tem condição de nascer? Olhe para os lados, Elias. A vegetação está morta, das árvores só restaram galhos finos como braços de crianças, nem cacto vinga nisso aqui, revidou. Essa terra seca e barrenta há de prosperar, reafirmou, batendo nela o cajado, com força. E é aqui que ficamos.

Irene começou a desdobrar a lona que utilizavam para montar uma barraca sempre que dormiam ao relento. Estava selado, assim, o fim de qualquer desavença. Os dois filhos de Herculano correram para ajudá-la. O sol já começava a sumir no horizonte e aquela não era hora para discussão. Que indagassem o que fazer no raiar do dia.

À noite choveu como se o céu estivesse disposto a matar a sede da terra, mas só quem percebeu foi Amoroso, que ficou estoicamente fazendo guarda do lado de fora. Só ele parecia entender que a porta do tempo está sempre aberta.

O chão tocado pela força do cajado de Elias despertara, e agora se anunciava das entranhas num imenso bocejar.

Durante o tempo em que a água desceu para banhar o que encontrava pela frente, a terra exalou um cheiro que nenhum deles pôde identificar, porque daquele mormaço que adentrava suas narinas vinha o sono que não os deixaria testemunhar o que acontecia do lado de fora. Era como se a terra quisesse surpreendê-los e por isso os fizesse dormir.

O capim seco horas atrás crescia com a beleza da grama, e transformava o vermelho da terra em verde de pasto. As árvores, antes esturricadas, resplandeciam, mostrando uma variedade e exuberância de frutos que eles nem imaginavam que poderia existir por aquelas bandas. O vento que soprou pela manhã derrubou as flores das árvores, que ficaram caídas em meio ao verde, perfumando o ar com cheiros de manga e caju.

Dormiram no deserto e acordaram num Éden sem Eva nem Adão. Estavam em casa – porém, incrédulos. O que quer que acontecera numa questão de minutos durante a noite traduzia o medo que algo de muita beleza pode causar. Ainda não entendiam que é preciso um tempo de assentamento até que a felicidade se transforme em desassombro. Por isso, apenas obedeceram ao instinto de plantar. Cultivaram a terra que, tinham certeza, de tudo daria.

Enquanto viam de dentro dela brotar o sustento, descobriam as redondezas. E era um lugar tão profícuo que conseguiam encher cestas, ajeitá-las no cavalo Boyrá e vendê-las ou trocá-las por porcos, carneiros e galinhas a algumas léguas dali.

Àquela altura já haviam começado a construir a casa de pedras que Elias tinha visto em seu sonho e que, não duvidava, precisava fazer parte do lugar. Ele sabia onde posicioná-la, as dimensões que teria; dentro dele estava tudo organizado em certezas. A casa foi nascendo com a ajuda

do cunhado, dos sobrinhos e de homens que souberam da sua intenção de moradia. Durante a construção, surpresas. No que os homens cavoucavam a terra, descobriam partes de objetos, que depois entenderam ser pedaços de armas, utensílios e ferramentas, como se há muito tempo outras gentes houvessem feito daquela terra moradia. Pra onde escavassem, encontravam pedaços de qualquer coisa. Mas aquele lugar padecia de gente, estava claro. Vocês não veem que isso aqui reverbera solidão?, disse Elias, quando questionado sobre a possibilidade de alguém reclamar aquelas terras. Ele estava certo. Um olhar mais atento via que bicho vivente algum, com alma ou sem alma, pisara ali nos últimos cem anos.

Foi nessa época que ele começou a ser chamado de louco. Por que a casa tinha que ser feita de pedras, tão difíceis de levar até ali? Porque era o que o sonho ordenava, ele dizia, e como resposta ouvia risos ou via entreolhares jocosos.

Enquanto a casa crescia viam também o lugar se agigantar. Pessoas que vinham ajudar na construção, fugindo das vastidões de terras áridas, acabavam ficando para morar, trazendo os seus. Quando a casa de pedras foi concluída, três anos depois, as doze pessoas que lá chegaram viram mais de quatrocentas ocupando os espaços e construindo um vilarejo, que inicialmente chamaram de Olinópolis. Ninguém sabia a origem do nome, nem quem o havia dado. Provavelmente era a junção de partes de nomes: contido nele estava o mistério. O certo é que o lugar foi sendo povoado e o nome passando de um para o outro. Muitos anos depois o que naquele momento era Olinópolis seria apenas um pequeno distrito de uma cidade muito maior. Em poucos meses, havia uma vizinhança. Logo mais, os que chegavam se empenhavam em trazer mais e

mais pessoas para construir residências. Utilizavam-se de madeira e tijolos; Elias não admitiria uma casa de pedras além da sua.

As pessoas iam criando suas moradias como se na terra ficassem raízes, posto que não havia em ninguém o desejo de partida. O sentimento neles enterrado era o de explorar o lugar, até o ponto em que já eram tantas as casas que um centro da cidade passou a existir, e dentro dele um comércio, com pequenas mercearias, secos e molhados, armazéns, bares e uma pousada, já que muitos iam primeiro olhar para depois ver como ficar. Em breve – pressentiam – o lugarejo precisaria ser chamado de cidade. Eram todos filhos de agruras em terras devastadas que ouviam a notícia de Olinópolis, um chão onde tudo o que nascia tinha desejos de vida eterna.

Elias e Herculano também viviam da terra e dos animais. Havia um tal sentimento de reverência em torno deles que os assustava. Não queriam ser tratados como autoridades, muito embora compreendessem o respeito extremo daqueles que viram o lugar crescer em torno dos dois homens.

Sete anos depois da chegada de Elias, Herculano e seus familiares, Olinópolis já era oficialmente uma cidade. Foi também aos sete anos que sua população de quase oito mil habitantes foi assolada por uma praga que aconteceria, de forma bem semelhante, dezenas de anos depois.

Quando o sol ia embora, as residências começavam a fechar suas janelas, Elias se recolhia com a mulher e os filhos e o comércio baixava suas portas. No dia do acontecimento, algumas pessoas haviam se queixado de um calor agressivo, porque vinha acompanhado de uma sensação úmida, abafada, como se houvesse vapor de água quente no ar, e um cheiro de lodo tomava conta dos narizes mais

sensíveis. Atribuiu-se a sensação às inúmeras plantações nos arredores de toda a cidade, que continuava a crescer, atrelado ao sol, que nunca falhava.

No instante em que a última porta foi fechada, rãs começaram a invadir as ruas de Olinópolis como se fugissem de algum inimigo maior. Eram tantas e faziam tanto barulho que as pessoas começaram a sair para a calçada; queriam averiguar o que acontecia, e eram logo atacadas pelos pequenos animais de pele viscosa. Uma das primeiras pessoas a abrir a porta foi Irene, já com os filhos por perto. Benedita, uma das meninas, foi derrubada pela enormidade de rãs, que pulavam, coaxavam e esticavam suas pernas esqueléticas como se procurassem alcançar um objetivo. Rãs menores entraram-lhe pela boca aberta em surpresa e estupefação, e ela morreu engasgada com os bichos atravessados em sua traqueia. Irene ainda tentou fazer algo pela filha, mas vendo o mar de batráquios subindo mais a cada segundo, deixou o corpo da filha ao pé da porta, que agora não conseguia fechar. Elias, acuda! O marido correu para ver o que acontecia, mas agiu com uma calma de quem compreendia que os mistérios da vida podem ser encarados com serenidade, como se aquilo fosse algum tipo de sabedoria. Amoroso havia saído de seus aposentos e estava ao pé de sua dona, latindo para bichos que ele nunca vira antes e que só veria aquela única vez, porque teria o mesmo fim que a recém-finada Benedita. Irene, sem conseguir enxergar completamente a quantidade delas por toda parte, uma vez que não havia iluminação nas ruas, compadecia de si mesma diante de sua impotência. Bateu com a porta no corpo da filha repetidas vezes, na tentativa desesperada de fechá-la a todo custo. O corpo de Benedita se sacolejava todo, com rãs que entravam sem

conseguir sair, agitadas num corpo que se tornara involuntária tocaia. Por fim, Irene fechou e travou a porta e correu para a parte mais funda da casa, num cômodo sem janelas. Mas lá também já havia rãs, que continuavam a chegar como uma lama verde-cinza por sob a fresta da porta. Não houve alternativa: ou começava a esmagá-las, inicialmente com os pés, e poucos minutos depois, vendo que eram insuficientes, também com as mãos, ou teria um destino igual ao que antevia para tantos em Olinópolis naquele momento. Elias havia sumido. Não que àquela altura adiantasse gritar por ele, que também devia estar tentando salvar a si e ao restante dos filhos. Enquanto enxergava as rãs, porém, Irene debatia-se com força no esforço incontido de exterminá-las. Não queria para si o fim de Benedita e do cão Amoroso.

Os minutos foram se esvaindo em desespero, o que naquele caso significava dor e luta. Depois de um tempo, o silêncio.

Olinópolis amanheceu contando seus mortos. Se até ali havia certezas de bonança, muitos eram os moradores, especialmente os que não tinham tido vítimas fatais, que atrelavam trouxas em seus cavalos e fechavam casas rumo a algum outro lugar, pelo menos por uns tempos.

Das rãs, contudo, nenhum sinal. Se foram com a mesma impetuosidade que chegaram, o que acabou fazendo com que outro tanto de gente se decidisse, de última hora, por não mais partir.

Já no dia seguinte, ouvia-se em toda parte uma tosse seca, sem causa aparente. Enquanto se movimentavam pela cidade, os cidadãos de Olinópolis se cumprimentavam,

muitas das vezes, levando a mão à boca, com vergonha de seus ruídos.

Irene não foi uma dessas, porque estava acamada desde o dia anterior, com uma crise de nervos. Seu corpo estava cheio de hematomas, causados pelas tantas vezes em que viu suas mãos, braços e pernas se comprimindo contra rãs nas paredes, no chão, no próprio corpo. Sequer foi ao enterro de Benedita, feito com o de todos os outros moradores locais no dia anterior. Quando a tosse a pegou, ela não ofereceu resistência. Morreu intrigada com o fato de que, tirando os lugares por onde passara, toda a sua casa parecia tão limpa como se bicho nenhum tivesse invadido todo aquele espaço. Sua última visão foi a do marido perto de si, colocando-lhe a mão sobre a testa. Achou estranho que, na situação em que estava, seu pensamento navegasse para a impressão de que Elias estava subitamente mais gordo. Sorriu para si, num último sentimento de alegria. Achou que era delírio de gente moribunda. Talvez fosse.

Depois do enterro de Irene, Elias pegou seu cavalo e saiu de Olinópolis. Os filhos, já grandes, transitavam entre casas de conhecidos, escola e atividades de ajuda nos currais e plantações. Durou pouco. Em não mais que cinco dias, a tosse se transformou em febre e em uma paralisia misteriosa, que não deixava os acometidos se locomoverem sequer minimamente, e fez os saudáveis fugirem para longe. A cidade da fartura virava, no esfarelar das horas, depósito de moradores morrendo de inanição.

Já era bem perto da metade do século quando Elias Carcará voltou para Olinópolis. Veio com a certeza de que

sua casa, hoje afastada de todas as demais casas da cidade, ainda estava de pé. Entrou nela como se nunca tivesse saído.

Elias não voltara por notícias de seus filhos ou de Herculano. Os que ainda estivessem vivos, sabia, não teriam os rostos de antes. Talvez no curto tempo da volta até tivesse se cruzado com um dos seus, que permaneceria para sempre ignorado. O retorno se devia ao chamado de estar no lugar para o qual fora designado ficar. No tempo que veio depois, ele cavalgou pela cidade e descobriu que ela estava ainda maior. A febre que paralisara tantas pessoas anos atrás e da qual ele apenas ouvira falar não chegou a dizimar a cidade que ajudara a fundar. Soube depois que algumas pessoas tinham resistência ao que quer que as estivesse atingindo, e essas cuidavam dos que agonizavam até o derradeiro gemido.

Quase não conhecia ninguém, e notou que os que o reconheciam o cumprimentavam à distância. Ele não era mais o dono do lugar aos olhos dos moradores. Voltou para a sua casa, de onde só saía para pegar sol ou suprir suas necessidades alimentares.

Não mais que três meses depois, o filho mais novo de Dionésio, o dono da única farmácia da cidade, entrou em casa chorando. Antes que pudessem perguntar, ele anunciou, Tem uma cobra gigante engolindo a casa de Elias Carcará. Dionésio chamou dois vizinhos e foram até a casa dele em seus cavalos. Quando se aproximaram, nada viram, mas ouviram um barulho de chocalho batendo no chão com pressa, como se o animal responsável pelo som não quisesse ser visto. Voltaram, incrédulos. Dionésio, não. Ainda tinha que perguntar ao filho o que diabos ele estava fazendo perto da casa de um homem por cujas cercanias

só quem andavam eram os bichos. Eu estava brincando com os filhos do Osvaldo. Pensamos que a casa estava fechada. O pai sabia que era mentira. A cidade inteira sabia do retorno de Elias Carcará; tinha inclusive falado com os filhos sobre isso e sobre manter a distância da casa de pedras. Mas tinha uma coisa que Dionésio sabia muito bem, e essa coisa era manter o controle sobre seus próprios impulsos. Estava ainda de pensamento turvo, e com medo do excesso achou melhor não bater no menino, acusando-o de mentir sobre a casa e mentir por inventar uma história para tirá-lo de seu repouso noturno.

Não tinha tanta certeza sobre a segunda mentira.

Durante várias semanas Olinópolis continuou a seguir seu percurso de pequena cidade habitada. Isso até dona Clementina começar a dar falta de suas galinhas. Sebastiana, conte aqui comigo, disse ela à criada. Contaram. Tem sete a menos do que semana passada. *Sete*. Era comum que de vez em quando alguma criança roubasse uma, ou que, vivendo soltas como viviam durante o dia para se recolherem somente à noite em seus poleiros, eventualmente fossem atropeladas por alguma carroça ou mortas por cavalos apressados ou cães perseguidores de seus próprios instintos. Mas daquela forma, naquela velocidade, era sinal de que havia algum outro elemento agindo para dar fim a suas galinhas. Meio que por acaso, Clementina mencionou o fato a Hermínio, um criador de vacas que deixava parte do seu rebanho solto por Olinópolis e de quem ela comprava leite todas as manhãs, e ouviu dele queixas semelhantes. Três das minhas cabeças de gado sumiram nas últimas quatro noites. Mandeí o capataz dar ordem aos peões para procurá-las, mas eles não encontraram nada.

Todo dia aparecia alguém com relatos parecidos. Em certo momento, Clementina achou que tinha elementos para formar um grupo de criadores de ovinos, bovinos e galináceos disposto a descobrir o que vinha acontecendo. O plano era simples: durante dez dias, eles manteriam propositalmente seus animais em ambientes vulneráveis e montariam guarda durante a noite, para ver quem andava roubando seus bichos. Não foram precisos nem dois.

Jacó deixou a porta do curral aberta, acendeu a lampa-rina, colocou-a sobre a mesa ao lado de um bule de café e de uma espingarda, e ficou de tocaia à espera do ladrão. O combinado era que Clementina e Hermínio estivessem fazendo o mesmo. E estavam. Mesmo antes do daguerreó-tipo, que ainda demoraria alguns anos para nascer, eles capturavam dentro de si a imagem do que faziam, como se fossem bichos comunicantes. O tempo era de agir em detrimento do que precisava ser feito. Contra ameaças, luta-se, e era o que sabiam.

O estado em que ficou Jacó quando viu o que acontecia a suas cabras, carneiros e bodes, contudo, remeteu-o à paralisia que acometera a cidade nos anos 20. Da porta baixa de madeira de onde observava seu curral, viu um animal imenso, de consistência viscosa e com uma pele escamosa que brilhava à luz do luar, aproximar-se para onde estavam os bichos, que começaram a se levantar e berrar uns para os outros. Estático, Jacó viu o momento em que o gigantesco bicho rastejante afastou-se por não mais que dois segundos, o suficiente para medir o espaço que tinha ante o animal, e deu um bote, enlaçando-o e quebrando-lhe os ossos numa rapidez que dificilmente se poderia dizer que o caprino havia entendido seu próprio

fim. Em seguida, o que ele agora podia ver ser uma cobra imensa, cuja outra metade do corpo nem entrara no curral, largou o carneiro morto para trás e atacou uma cabra, utilizando-se do mesmo ardil.

O animal abocanhou os dois bichos num gesto breve. De onde estava Jacó não viu, pôde apenas deduzir que sua criação descia pelas entranhas do que parecia ser uma sucuri de proporções gigantescas. Os outros bichos gemiam e berravam longamente, em pedido de socorro. Como se antevisse alguma espécie de perigo, a sucuri retirou-se para dentro das densas matas e sumiu. O desfalecido Jacó só acordou com a luz do sol batendo em seu rosto.

Olinópolis era, naquela metade do século XIX, um microcosmo do resto do país, com sua comunicação precária feita através de cartas e meninos de recado. Mas a repercussão do que acontecera na noite anterior no curral de Jacó adquiriu proporções incendiárias. No íntimo de seus moradores fazia casa o medo. E embora fosse necessário seguir com a vida diária e seus afazeres, a tensão era uma constante que competia deslealmente com a sanidade. E era para lutar contra essa inescapável verdade que a ação se tornava porta-bandeira para a liberdade da condição em que estavam todos enfiados.

Por várias noites nenhum animal sumiu. Donos de cães e gatos, antes criados soltos pela rua da cidade e que dadas as circunstâncias haviam prendido seus bichos, voltaram a soltá-los. A cobra de Olinópolis já se transformava quase em uma lenda ou uma história que os pais usavam para assustar as crianças (Se você não se comportar, a cobra vem te pegar à noite!), o que as transformava quase que imediatamente – pelo menos enquanto elas se lembrassem

da ameaça – em verdadeiros santos de altar, quando dona Clementina sumiu.

Foi a criada quem encontrou um rastro de sangue saindo do meio do corredor da casa e seguindo até a porta. O mesmo material pegajoso encontrado no curral de Jacó sujava todo o corredor da casa de Clementina. O bicho claramente mandava um sinal.

Após o desaparecimento de Clementina, Dionésio juntou-se a Hermínio e Jacó para contar o que seu filho vira. Os três homens decidiram ir – no claro do dia, porque não eram loucos – confrontar Elias. No caminho, Jacó comentou uma frase que Clementina havia lhe dito a respeito de Elias, Hoje, ele é um homem de quase sessenta anos. Quem vive desse tanto? Um réptil. Os homens se entreolharam, mas não quiseram dizer o que passava por suas cabeças.

É uma imagem muito bonita, eu diria, mas um delírio, foi a resposta de Elias ao ser confrontado pelos três homens sobre ele ter algo a ver com o que estava acontecendo em Olinópolis. Hermínio tomou a palavra, Saiba, Elias, que estamos todos lhe observando de perto. Não é de hoje que essa terra se abre para os seus mistérios. Quem cá está sabe disso, e aprende a conviver com o inesperado, porque respeitamos a magia da vida com seus segredos e enigmas. Mas não quando ele nos ameaça. E desde que você voltou que tem sido assim. Você fundou esse lugar, Elias. Todo ele nasceu ao redor da sua casa de pedras. Mas o sentimento de um povo agora é o de que você deve ir. Era bem o que me faltava, eu ser expulso da cidade que fundei, disse um Elias exasperado. Não vamos expulsá-lo, continuou Hermínio. Mas toda a cidade está com os olhos voltados para você, e é bom que você saiba. Tem algo de

estranho acontecendo aqui, e pelo sangue que corre dentro do meu juízo, eu sei que tem a ver com você. Elias soltou um ruído de escárnio. Seu chasco não nos intimida. Há todo um povo com os olhos voltados para você e para o bicho em que você se torna, Elias. Dê mais um passo em falso, e daremos cabo dos dois.

Nos dias que se seguiram, a cobra pareceu ter feito a escolha pela fome. Nunca mais um único bicho voltou a desaparecer das casas. Por tempos inconstantes, ainda houve relatos de que uma imensa sucuri se enrolava na casa de Elias Carcará à noite, como se estivesse a esfriar seu escamoso e espesso corpo sobre o frio das pedras. Mas os moradores de Olinópolis trataram o assunto como coisa menor, quase a lenda que com o passar dos anos de fato se tornaria.

Menos um pequeno grupo. Hermínio, Dionésio, Jacó e Helenita, filha mais velha de Clementina, juntaram-se para definir o plano da pólvora. Porque para haver paz não se pode haver dúvidas, ficou decidido que a casa de Elias Carcará seria mandada para os ares.

Já no dia seguinte, num estratagema que cabia apenas aos quatro, espalharam explosivos ao redor de toda a casa. Era um dia de sábado, a cidade inteira fazia a sesta depois do almoço. Não cogitaram, em momento algum, entrar na residência. Só queriam que ela deixasse de existir, junto com tudo o que simbolizava.

Quando o comércio voltou a abrir as portas depois do horário de almoço, em toda a cidade foi possível ouvir uma explosão que fez as pessoas se perguntarem qual seria o acontecimento agora a causar distúrbio por aquelas paragens. Mal sabiam que o barulho representava o fim deles, pelo menos por algum tempo.

De onde estavam, os quatro perpetradores viram quando pedaços diminutos de pedra foram ao ar, mas não só: viram partes de esqueletos de vacas, bezerros, cabras, bodes, carcaças de galinhas, e também pedaços inteiros de um animal que estava dentro da casa, porque o que caiu diante deles ainda tinha restos de vísceras e estava quente.

Os quatro se levantaram e deram a missão por cumprida. Muito tempo se passaria até que alguém tivesse coragem de tocar naqueles restos da casa e do que mais parecia ter existido dentro dela. A vegetação cresceu em toda parte, árvores surgiram ao redor. Em alguns meses, o lugar ocupado pela tão sonhada casa de Elias Carcará se tornara uma mata fechada e abandonada.

O prefeito fez um discurso na praça da igreja matriz, e anunciou que para deixar definitivamente todo aquele período para trás, a partir dali a cidade teria um novo nome: Henakandaya. Grande tronco. Queriam transformar a abundância que dera fama ao lugar no símbolo próspero de grandes árvores crescendo até o infinito. Sejam como essas mangueiras e cajueiros e tantas outras árvores frutíferas que tornam nossa terra um imenso campo de riqueza, discursou. E que, depois de cumprido com seu ciclo, podem tornar-se coisas outras. De um grande tronco tudo se aproveita.

O tempo mostraria que a escolha fora das mais acertadas. Um dia, alguém descobriria que Henakandaya era também o nome da sucuri que deu origem à mais famosa lenda da cidade. Foi então que descobriram que algumas pessoas vivem para sempre, e que certas histórias nunca morrem.